

Élisée Reclus e a excentricidade de sua geografia anarquista

Élisée Reclus and the eccentricity of his anarchist geography

José Vandério Cirqueira



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1787>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1787

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

José Vandério Cirqueira, «Élisée Reclus e a excentricidade de sua geografia anarquista», *Terra Brasilis* [Online], 7 | 2016, posto online no dia 09 dezembro 2016, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1787> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1787>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Élisée Reclus e a excentricidade de sua geografia anarquista

Élisée Reclus and the eccentricity of his anarchist geography

José Vandério Cirqueira

Introdução

- 1 No pensamento geográfico de Jean Jacques Élisée Reclus (1830–1905) encontra-se no seu discurso posicionamento heterodoxo, vinculado à condição teórica e a promoção de prática espacial, por este se posicionar como modalidade discursiva que almeja confrontar os modelos hegemônicos de ordenamento territorial.
- 2 Seu modelo de ciência, em certos aspectos, não coadunava com o projeto alcunhado genericamente por seus contemporâneos, e por isso, entre outros aspectos, ele não foi digerido pela crítica historiográfica da época, que negava a efetividade da geografia enquanto campo do saber politicamente engajado para a transformação dos desequilíbrios geográficos.
- 3 Em contrapartida, este era o principal papel da geografia para Reclus: ter um caráter eminentemente social, politicamente dissidente, colocado como uma experiência e prática espacial subversiva capaz de enfrentar as ingerências dos modelos hegemônicos.
- 4 A geograficidade reclusiana porta em si aspectos marcantes advindo de fundamentos do anarquismo clássico, e dessa forma, não almejava ser o centro do poder hegemônico da produção teórica, porque funcionava como diferente modalidade de território do saber, compondo-se como *outra* centralidade ou mesmo uma (*ex*)centralidade discursiva do pensamento geográfico. Excentricidade tida como *não centralidade*, ou *anti-centralidade*, aquilo capaz de negar o poder hegemônico territorial material e imaterial, e que chegue até à ordem do discurso, essencialmente anárquico, que abdica de todas as relações de dominação, em todos os aspectos.

- 5 A geografia desenvolvida por esse personagem *excêntrico* em meio ao tortuoso curso do saber geográfico, em pleno século XIX, foi comumente sintetizada como partícipe do momento tradicional do pensamento geográfico. Por sua vez, reduzir sua monumental geografia ao positivismo mecanicista é descaracterizar toda a diversidade temática e a grandeza epistemológica que sua obra detém.
- 6 A proposta central desse trabalho é demonstrar outra via de interpretação do pensamento de Reclus, elucidando seu caráter plurivocálico, demarcando a excentricidade e atualidade dessa geografia das liberdades.

Contexto teórico e negligência do pensamento *excêntrico* de Élisée Reclus

- 7 O contexto de produção intelectual em que Reclus se inseriu (1857¹ a 1905) é notadamente marcado por efervescentes quebras paradigmáticas nos campos: científico, político e social. O seu pensamento geográfico foi sendo formado até seus últimos dias de vida, como resultado a produção de *L'Homme et la Terre*, e paradoxalmente ele foi construindo seu espaço dentro dos movimentos sociais e do domínio científico-acadêmico da segunda metade do século XIX, mas por sua vez, todo um grande legado não foi eficazmente aproveitado, e mesmo em vida já foi sendo descaracterizado por construções pejorativas, classificações genéricas e apontamentos superficiais acerca da seriedade científica.
- 8 Mas, o que se quer dizer com negligência de determinado pensamento? Com base nas considerações de Michel Onfray (2008), os conhecimentos são propostos, produzidos e divulgados diante da comunidade científica e da comunidade geral como um todo, e por sua vez eles ganham maior ou menor atenção em decorrência de diversos fatores, sendo eles reapresentados, difundidos e revalorizados com maior ou menor intensidade do que outras propostas teóricas.
- 9 Essa modalidade classificatória por estratos de importância sugestionada pelo grau de contribuição teórica para comunidade acadêmica gera divergências e certas contestações sobre quais contribuições melhor poderiam ser aproveitadas, ao passo em que outras historiografias vão sendo feitas no desenrolar da divulgação do conhecimento.
- 10 Por isso, constituem-se historiografias dominantes, estas por sua vez são delineadas por interesses acadêmicos corporativos, formando blocos coesos, incluindo e excluindo certos pensamentos e pensadores, para ecoar a voz dominante que dita o sentido epistemológico que o saber deve tomar.
- 11 Assim constituem as historiografias das margens, ou não pertencentes ao único núcleo, configurando-se em diversos núcleos, por estar espacialmente fora do centro único (*excêntrica*) de atenção e de importância, que por sua vez, são contribuições territorialmente pouco ortodoxas ou totalmente heterodoxas ao sentido ideológico dado pelas historiografias oficiais, postando-se desse modo, eticamente como saberes contrários às ortodoxias corporativistas acadêmicas.
- 12 O mais interessante é notar, não somente o movimento de negligência do pensamento geográfico libertário, inibindo sua permeabilidade nas cátedras oficiais, mas, porém, e

ainda mais significativo, é o movimento de não reconhecimento, e mesmo, o esforço em combater o paradigma libertário.

- 13 Para que se entenda melhor esse processo é preciso reconhecer que este paradigma ácrata não deve ser entendido como integrante ao modelo ortodoxo da historiografia oficial, mas como uma perspectiva heterodoxa no interior da história da geografia, como uma *outra* centralidade do pensamento geográfico ou mesmo a negação do centro, uma *excentricidade*, nos termos dados pelo Subcomandante Marcos, no interior do Movimento Zapatista, em que enseja a posição revoltosa, tanto da teoria quanto da prática, uma espécie de desobediência epistemológica, de *baixo e pela esquerda*.
- 14 Negando as armadilhas da mentalidade fixista da lógica centro-periferia, os zapatistas conclamam a posição metodológica que abdica das estruturas binárias da academia ocidental, por isso, *nem o centro, nem a periferia*, diz o movimento insurgente, no ensinamento que conserva a sabedoria dos povos milenares das matas.

Nós pensamos que não se trata só de evitar as armadilhas e concepções, teóricas e analíticas neste caso, que o centro põe e impõe à periferia. Tampouco se trata de inverter e agora mudar o centro gravitacional para a periferia, para daí “irradiar” ao centro. Acreditamos, ao contrário, que essa outra teoria, [...], deve romper também com essa lógica de centros e periferia, deve então ancorar-se em realidades que irrompem, que emergem, e, assim, abrir novos caminhos. (MARCOS, 2008, p. 191)
- 15 Para além de negligenciar a validade da geograficidade libertária reclusiana, selecionando fragmentos lançados sobre o chão da territorialidade imaterial do saber, está a conflitualidade de reconhecer tal geograficidade como uma modalidade que se agrupa a outras de mesmo caráter ácrata e sendo livres para poder perpetuar suas ideias.
- 16 No plano epistemológico, as negligências se apresentam na medida em que o pensamento é construído através de discursos descontínuos à regularidade evolutiva dominante pré-estabelecida. Os teóricos Thomas Kuhn (1971), Gaston Bachelard (1996, 2006), Michel Foucault (2007, 2013) e Paul Feyerabend (2011), cada um a seu modo, debruçam-se sobre essas discontinuidades discursivas dos saberes científicos para demonstrar que essa uniforme regularidade evolutiva do conhecimento, progressivamente linear, periodicamente organizada e epistemologicamente coerente são discursos dominantes que teimam por evitar a riqueza criativa que residem nesses *planos descontínuos*, nessas *linhas de fuga*, usando expressões do continente de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1996) e Deleuze e Claire Parnet (1998). Essas variações epistemológicas, periodicamente complexas, são o veículo motivador das quebras paradigmáticas e, conseqüentemente, da evolução criativa do pensamento teórico-científico.
- 17 Por isso, o pensamento negligenciado é aquele evitado, mas que se encontra presente, no plano histórico e epistemológico do saber. De certa forma, a negligência se justifica quando o pensamento não produz transformação paradigmática, não evoluiu frente os demais e ainda não consegue dar as devidas respostas esperadas pela comunidade acadêmica.
- 18 Mas o que se busca evidenciar aqui é o porquê de certos pensamentos que promoveram impactos paradigmáticos, sinalizaram para inovações epistemológicas e mesmo assim foram forçosamente negligenciados. Outro questionamento que pode ser feito é sobre qual a verdadeira legitimidade que a ciência oficial detém para discriminar que certos

pensamentos devem ser aceitáveis ou não perante a recepção pública. Ou seja, o que deve ser considerado paradigmático ou útil para o pensamento oficial não se traduz literalmente como significativo para a realidade e aplicabilidade desse pensamento ou para o que não é considerada uma expressão oficial de reflexão teórica. Existem interesses nesse jogo de elucubrações textuais. Como a academia que se julga politicamente neutra e assentada nos valores da ética pode reproduzir valores segregacionistas a certas modalidades de pensamento?

- 19 Portanto, ser negligente é saber que o pensamento está ali, presente, demarcando sua importância e grau de potência, mas mesmo assim é colocado de fora do domínio acadêmico sem as justificativas plausíveis necessárias. Ele tem uma presença, mas ela é deslegitimada. O principal questionamento das imposições negligentes se faz pelo fato delas terem comumente descartado ricas, valorosas e inquietantes contribuições para os campos do saber e que, quando isso é feito, promovem incontornáveis situações de direcionamentos e tomadas de decisão.
- 20 A formação da geografia como contiguidade ordenada pelos parâmetros ortodoxos e dominantes do saber científico moderno foi fruto de avanços no plano teórico-metodológico do final do século XVIII e início do XIX, através da contribuição marcante de Reinhold e Georg Forster, Immanuel Kant, Alexander von Humboldt e Carl Ritter.
- 21 O Século das Luzes sustenta a ideia central de universalidade da razão, tendo na primazia crítica o princípio fundador do racionalismo, constituindo assim, o saber científico através de sistemas explicativos, sendo a questão fundamental para a geografia, no caso de Kant e Forster, o método como elemento de concretude científica (GOMES, 2010). A definição da geografia como uma ciência independente, com um objeto de estudo único e um método próprio levou Fred K. Schaefer (1953) denominar essa tradição kantiana, que será absorvida por Ritter e com maior intensidade em Alfred Hettner, de excepcionalismo geográfico.
- 22 O envolvimento de Kant com a geografia se deve a cosmologia transcendental, problemática filosófica que este propôs avançar, dimensionando os estudos da natureza e estética transcendental diante da geografia (VITTE, 2014). As discursões em Kant sobre a estética surgiram após 1768, no seu *Observações Sobre o Belo e o Sublime*. “Mas na *Crítica da Razão Pura*, em 1781, a estética estará relacionada à sensibilidade e à possibilidade de se construir o conhecimento, fato que será radicalmente oposto na *Crítica da Faculdade do Juízo*, de 1791, em que a estética será associada à crítica do gosto” (VITTE, 2008, p. 58).
- 23 Com as críticas que Kant sofreu de Gottfried Herder, foi possível avançar no caráter transcendental e menos racionalista na *Crítica da Faculdade do Juízo*, momento de amadurecimento dos estudos da natureza, pela via da noção orgânica, simbiótica e transfigurada. Conforme defende Paul Claval (1974, 2006), Kant contribuiu com a estrutura moderna da geografia, dando a ela a tarefa de explicar a especificidade de cada parte da Terra. Essa especificação da geografia lançará fulgores aos estudos descritivos da Terra, sendo conduzida até Humboldt, Ritter, Ferdinand von Richthofen e Hettner (HARTSHORNE, 1991).
- 24 O contexto de efervescência intelectual de gênese da geografia moderna é marcado por uma ebulição teórica, no período que precede a Kant, chegando até Humboldt e Ritter. A cosmografia copernicana, a sistematização geográfica de Bernhardus Varenius, o mecanicismo newtoniano, a física de Wilhelm Leibniz compôs sustentação teórica à geografia física em Kant. Esse bojo teórico arremessado à frente chega ao rico contexto

da *naturphilosophie*, do romantismo e idealismo alemão, culminando no evolucionismo, conforme destaca Luiz Carlos Vitte (2009). As consequências da Revolução Francesa, a consolidação dos Estados nacionais, o capitalismo liberal, o acirramento da problemática social no campo teórico abriram caminho para o amadurecimento da filosofia, que passou a investigar as relações entre homem e a natureza pela via sistêmica, tendo como pano de fundo justificativas organicistas, e não estritamente teleológicas.

- 25 Vitte (2006) destaca o papel da *naturphilosophie* na consolidação da geografia física moderna, remontando, de forma vibrante, a riqueza epistemológica da geografia física, que é tida, equivocadamente, como sendo teoricamente escassa. Esse comportamento ideológico, alimentado no momento da geografia crítica marxista da segunda metade do século XX, tem consequências nefastas para a riqueza da geografia enquanto uma ciência que julgava ser responsável, num primeiro momento, pela descrição da Terra, e num segundo momento, pelo estudo da relação entre homem e o meio.
- 26 Os fundadores da geografia científica, Humboldt e Ritter, serão tomados pelo universo intelectual do final do século XVIII e início do XIX, na qual a crítica ao racionalismo pelo romantismo alemão e, conseqüentemente, a perspectiva idealista que perpassa por Herder, Friedrich Schelling e Johann Goethe foram decisivas sustentações teóricas na elaboração da geografia científica, sistêmica, com método voltado à descrição e diferenciação de áreas (VITTE, 2009).
- 27 São clarividentes as recentes argumentações de Vitte e de Ruy Moreira acerca da riqueza epistemológica da geografia, pois reabrem o leito filosófico anteriormente represado da geografia. Esse novo leito refere-se aos clássicos com a missão de que devemos ler o que realmente eles dizem, nas profundezes e detalhes de seus pensamentos, e ao mesmo tempo esse comportamento abre as comportas de uma geografia que abraça as filosofias que antes eram subsumidas.
- 28 Nesse interim, Vitte (2009) e Moreira (2009) destacam o momento rico em que Humboldt e Ritter estavam envolvidos, no qual se conectavam de forma atenta e atualizada ao passado e aos seus contemporâneos, e ao mesmo tempo, lançaram as fontes de uma geografia do futuro, que ressoou profundamente em Reclus, Friedrich Ratzel e em Paul Vidal de La Blache. Vitte (2009) destaca, por exemplo, que as fontes do evolucionismo estão presentes em Humboldt, e chegaram a Charles Darwin e Ernst Haeckel, e terá Ratzel como o principal nome dessa geografia evolucionista, que ultrapassa o romantismo e o idealismo.
- 29 Humboldt (1855) e Ritter (1838) vão levar a Reclus a perspectiva geográfica do holismo, que será, a partir de Ratzel e com maior intensidade em La Blache, esquecida, por aderirem ao caráter fragmentário da ciência moderna. A noção sistêmica de natureza, o processo evolutivo e de adaptação das espécies, a metodologia da escala geral para o particular de Humboldt (1855) são algumas das contribuições, como também, as interações sistêmicas entre fenômenos físicos e humanos, sobre análise da paisagem pelo método hipotético-dedutivo, nos termos dados por Eliseu Sposito (2004), por sua vez, muito mais intuitivo e descritivo.
- 30 A geografia de Reclus terá influência direta de seu professor Ritter (1838), que contribuiu através da sua perspectiva antropológica e social com o pensamento geográfico reclusiano, que até então estava embebido por noções estritamente naturalistas (ANDRADE, 1985). A metodologia comparativista da geografia de Ritter, os estudos regionais, a geografia política das nações, e a relação dinâmica empreendida

pelos grupos humanos na alteração da natureza serão responsáveis pela fundamentação em *La Terre* e em *Nouvelle Géographie Universelle*. Embora discípulo declarado de Ritter, como Ratzel, Reclus se distanciará da visão teológica e organicista do mestre, destronando a geografia sobre base abstrata até ele construída, calcificando sua maturidade intelectual e originalidade libertária.

- 31 Ratzel, contemporâneo de Reclus, herdará, de forma mais evidente do que seu companheiro de turma, a noção da geografia política do mestre prussiano da Universidade de Berlim, noção esta que se baseia na relação estreita entre solo e Estado, entre progresso da humanidade e o vínculo com a natureza, em que argumenta ser a organização de uma sociedade dependente estreitamente da natureza de seu solo, do seu território, da sua situação geográfica; o conhecimento da natureza física de um país, as suas vantagens e desvantagens, impulsionam sua história política. Ainda segundo Ratzel (2003), uma política verdadeiramente prática tem sempre um ponto de partida na geografia. Reclus lançou mão dessa geografia política imperialista-colonialista, quebrando esse paradigma com a sua geografia política de cunho libertário.
- 32 Dessa forma, o que gerou efetivamente a negligência da geografia de Reclus, diante de seus contemporâneos, não fora a insuficiência teórica de seu pensamento, ao contrário, era uma geografia que mesclava abordagem erudita, vinculado às filosofias antecedentes, mas também, linguagem acessível, objetiva e clara, que por sua vez, era uma geografia voltada para o futuro, alinhada a mais recente teoria social crítica, direcionada à construção de uma sociedade igualitária, moderna e humana. Reclus participou ativamente das movimentações políticas de seu tempo, estando presente nas discussões das duas principais correntes teóricas radicais do século XIX, o anarquismo e o comunismo, que sofreram cisão, por ele acompanhada na I Internacional, que posteriormente ele mesmo, juntamente com demais ativistas anarquistas, buscaram integrar essas noções na abordagem anarco-comunista.
- 33 A sua obra foi acusada, indiretamente, por La Blache e, diretamente, pelos neolablacheanos de ser descritiva e sobrecarregada de noções políticas e sociais. Vidal tentou desviar a importância política e social que Reclus dava à geografia e também à forma como ele abordava a relação simbiótica entre homem e natureza. Moreira (2009) chama esse processo de hominização do homem, porém vincula essa ontologia do espaço a Marx e não a Reclus. Mas é possível encontrar também essa ontologia presente em *La Terre*, e com maior teor, em *L'Homme et la Terre*.
- 34 O que não foi aceito na geografia do século XIX, não foi aceito também até meados do século XX. Se a geografia estudava a relação entre sociedade e natureza, era evidente que diante do momento de intensos debates e embates políticos radicais, em busca da dissolução dos Estados imperiais, em defesa de maior organização e distribuição de renda e garantia da liberdade humana, que esse campo do saber fosse um campo científico utilizado também para pensar a ação política no espaço e a organização equitativa dos indivíduos.
- 35 Reclus visualizou a necessidade de a geografia intervir na organização dos sujeitos na sociedade e no meio em que vivem, pois era a ciência capaz de promover a ação direta e solavancar as forças políticas amiudadas. Assim, foi inovador e pioneiro, descortinando uma geografia retrógrada, ultrapassada e conservadora, que vivia seus dias de glória, por ser o campo científico auxiliar do expansionismo imperialista e da colonização. Reclus almejava uma revolução no pensamento geográfico às avessas daquela que

estava acontecendo. A excentricidade de seu pensamento repousa no embate contra essa racionalidade científica opressora.

- 36 A monumental obra negligenciada pelos contemporâneos ficará por muito tempo esquecida. Reclus foi uma das vozes, juntamente com Piotr Kropotkin, Léon Metchnikoff entre outras, conforme demonstram Ferretti e Pelletier (2013), solitárias, dentro da geografia circunscrita pela égide da ortodoxia acadêmica. Sua negligência perpassa a sua atualidade e chega aos dias de hoje. Nos manuais de história da geografia, ou considera-se Reclus partícipe da geografia tradicional positivista, ou como um personagem à parte da teoria do conhecimento, uma espécie de enclave.
- 37 Por sua vez, não há referência a ele na geografia crítica, mesmo sabendo que *L'Homme et la Terre* é um tratado de geografia anarquista. Seu envolvimento com o anarquismo, e principalmente com o seu principal personagem, Mikhail Bakunin, não será suficiente para que os geógrafos assumidamente radicais do século XX o lessem. Ao contrário, a polêmica de Bakunin e dele mesmo com Marx gerará certo desconforto para os geógrafos radicais marxistas, vinculando desmedidamente o pensamento do anarquista russo ao do geógrafo anarquista francês.
- 38 A geografia crítica francesa dos anos de 1970 tentou fazer um resgate da importância de Reclus para a geografia. Yves Lacoste (1988) defende ser Reclus o primeiro grande geógrafo da França, em oposição à fama de La Blache. E ainda lamenta que vergonhosamente sua monumental obra seja esquecida na universidade, denunciando que a obra foi pilhada pelos universitários, sendo utilizadas numerosas passagens sem o devido reconhecimento, sob a patronagem de La Blache. Lacoste (1988, p. 129) destaca justamente o temor dos marxistas pelo anarquismo, e de suas atitudes enquanto reprodutores dos aparelhos ideológicos do Estado, pela via da geografia universitária, causando a ineficiência no entendimento e estudo da geograficidade reclusiana.
- 39 Sem dúvida, suas aspirações políticas são o sustentáculo de sua obra de geógrafo, mas esta última pode ser tomada como tal pelos universitários, para os quais a palavra anarquia amedronta; Reclus não fez, aliás, alusão a ela no *O homem e a terra*, como também não o fez na *Geografia universal*. Mas se é fácil fazer abstração das atividades militantes de Reclus, não é possível considerar sua geografia escamoteando o lugar considerável que ele dedica aos fenômenos políticos. E eu acredito que o silêncio que continua a ser feito na corporação dos geógrafos universitários sobre a obra de Reclus resulta, principalmente, hoje, da recusa em admitir a geograficidade dos fatos que advêm da política, mormente aqueles que traduzem o papel dos diferentes aparelhos de Estado.
- 40 Fora essa redescoberta de Lacoste, tendo como exemplo a publicação exclusiva da revista *Herodote* sobre Reclus, em 1976, a geografia crítica radical estadunidense, no período de 1970 a 1990, por exemplo, não o considerou como partícipe desse processo, mesmo sabendo que é paradoxal não veicular o criticismo radical de Reclus à geografia crítica radical. A partir da década de 1990 e principalmente nessa primeira década do século XXI, está ocorrendo uma maior retomada de Reclus, não efetivamente dentro da geografia, mas em áreas como sociologia, etnografia, história, antropologia e urbanismo.
- 41 E essa *excentricidade* presente na geografia reclusiana em meio ao auge da produção científica a serviço dos Estados imperiais é o que demonstra a potência sísmica do

pensamento desse geógrafo das liberdades, explicando os motivos dele ter sido amiudado e escondido pela historiografia ortodoxa dominante.

Da geografia libertária à anarquista: um pensamento e uma prática espacial *excêntrica*

- 42 Ao longo da história da geografia, há poucas referências ao anarquismo, e a principal delas advém de Reclus. Mas não somente neste nome pode ser depositada a história da anarquia na geografia do século XIX. Não deve ser esquecida a importância de personagens como a feminista libertária Flora Tristan (1838, 1840, 1973), que produziu relatos da geografia urbana londrina, parisiense e da geopolítica colonial na América do Sul, percorrendo do México ao Peru, exercendo profunda crítica ao imperialismo nesses territórios; como também, a geografia ambiental e política de Metchnikoff (1889); a geografia física, agrária e da indústria vastamente explorada por Kropotkin (1889, 1892, 1910); a cartografia de Charles Perron (PAULA, 2015); a geografia urbana de Patrick Geddes (1994), entre outros nomes, que contribuíram com geografias de cunho ácrata, de forma mais restrita, e de forma mais ampla, com proposições libertárias das mais diversas amplitudes de pluralidade política dissidente.
- 43 Indubitavelmente, abordar geografia anarquista é evidenciar o pensamento de Reclus. Não há referências científicas nos manuais ortodoxos oficiais de uma geografia anterior a de Reclus que se alinhou à perspectiva da organização espacial pela sociedade, almejando o fim do Estado, em busca de uma sociedade ácrata. O anarquismo de Reclus é, em essência, geográfico, e a sua geografia, conseqüentemente, é anarquista. Conforme aponta Ronald Creagh (2011), não há efetivamente uma escola de geografia libertária, e sim um corpo embrionário de ideias, que Reclus foi pioneiro no desenvolvimento desse pensamento libertário no interior da geografia.
- 44 No caso de Kropotkin, colaborador de Reclus sobre a Sibéria na *Nouvelle Géographie Universelle*, foi um nome ímpar na sistematização e cientificação do pensamento anarquista, amadurecendo e ampliando o raio de atuação ácrata pela via do anarco-comunismo. Kropotkin não fez declaradamente geografia anarquista, produziu teorias ácratas que evidenciavam o papel da ação libertária da sociedade e dos indivíduos no espaço, sendo este o substrato de efetivação das lutas pela liberdade, o dividendo que promove o fim das desigualdades. Para Kropotkin (1889, p. 62), “la geografía debe ser, en primer lugar, un estudio de las leyes a que están sometidas las modificaciones de la superficie terrestre”.
- 45 Como geógrafo, Reclus foi militante anarquista e pensou o anarquismo através da geografia. A sua geografia era o resultado simbiótico entre homem e natureza. O processo de hominização do homem pela interação com o meio. Se o homem é natureza adquirindo autonomia, segundo aponta Reclus, essa consciência de si adquirida reflete na edificação de uma sociedade livre, somente possível através do entendimento dos mecanismos de funcionamento dessa relação simbiótica.
- 46 Sua perspectiva socioambiental é politizada, garantida pela noção sistêmica do libertarismo geográfico, que sente a fonte da problemática ambiental no modo de vida empreendido pelo capitalismo, conforme pode ser percebido com o trecho *Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes*.

Les développements de l'humanité se lient de la manière la plus intime avec la nature environnante. Une harmonie secrète s'établit entre la terre et les peuples qu'elle nourrit, et quand les sociétés imprudents se permettent de porter la main sur ce qui fait la beauté de leur domaine, elles finissent toujours par s'en repentir. (RECLUS, 1866, p. 13)

- 47 Para que se chegue à autonomia total dos indivíduos e dos grupos sociais, é necessário que estes saibam pensar o espaço que eles modelam. “Reclus utilise les connaissances géographiques pour démontrer que l'idéal anarchiste “du pain pour tous” est parfaitement possible puisque les ressources sont largement en suffisance et que seule leur inégale et injuste répartition explique la misère du plus grand nombre” (GIBLIN, 2005, p. 21).
- 48 Por sua vez, a geografia de Reclus não nasceu anarquista. Primeiramente, havia uma geografia libertária, ou seja, uma forma de pensar a transformação da natureza pela sociedade na busca pela liberdade. Não ocorreu abertamente sustentação teórica do anarquismo, devido às censuras. É o caso da obra *La Terre*.
 C'est grâce à cette forte éducation que le sentiment de la nature se développera dans toute sa grandeur. Il se pervertit par la routine et par la servitude; c'est par la connaissance et par la liberté qu'il renait. [...] Toutefois, si la science nous montre dans l'avenir l'image du globe transfigure, ce n'est point elle seule que pourra terminer la grande oeuvre. Aux progrès en connaissance doivent correspondre les progrès moraux. [...] Les traits de la planète n'auront point leur complète harmonie tant que les hommes ne seront pas unis en un concert de justice et de paix. Pour devenir vraiment belle, la “mère bienfaisante” attend que ses fils se soient embrassés en frères et qu'ils aient enfin conclu la grande fédération des peuples libres (RECLUS, 1869, p. 756 - 757).
- 49 A editora Hachette inibia a exposição de guinadas anarquistas nas obras de Reclus, fazendo com que ele desenvolvesse uma geografia de cunho libertário nas entrelinhas. A Hachette recusou publicar sua última obra, *L'Homme et La Terre*, pois era dotada de um anarquismo geográfico explícito. Dessa forma, a geografia libertária é aquela que, de uma forma geral, aborda a necessidade de uma sociedade justa e igualitária, não assumindo concepções militantes explícitas do anarquismo, como a abolição da propriedade privada, o fim do Estado, o fim dos partidos políticos, a instauração de comunidades ácratas etc. Posteriormente à *Nouvelle Géographie Universelle*, Reclus publica os primeiros volumes de *L'Homme et La Terre*, em 1905, sendo o restante publicado após sua morte, até 1908.
- 50 Mas antes dessa obra, seus escritos eram marcados pelo ideal libertário, em decorrência do momento fervoroso que viveu em contato com Bakunin e Kropotkin, amigos pessoais. Seu envolvimento com a Comuna de Paris, em 1871, rendeu-lhe a prisão, na qual escreveu *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista* (RECLUS, 2002), texto que destaca o papel da evolução para uma efetiva revolução, comparando os elementos geográficos naturais com as forças sociais revolucionárias. Ataca frontalmente o ideal de Estado e de patriotismo, fomentador da servidão, do ódio e dos privilégios, evidenciando o anarquismo como a forma de se chegar à nação humana livre. Deixa claro o seu anarquismo geográfico, que se vincula ao fim dos autoritarismos e das ideologias republicanas, tendo na sociedade organizada libertariamente a noção de alteração do espaço e da própria condição existencial (RECLUS, 2010a).
- 51 É na busca consciente e ativa da liberdade individual e coletiva dos sujeitos no espaço que se constrói o processo de revolução, no qual a evolução é produto síntese do envolvimento dos homens com os lugares mutuamente.

Em comparação com este movimento universal, o que foi convencionado chamar de patriotismo não é senão uma regressão sob todos os pontos de vista. É preciso ser ingênuo entre os ingênuos para ignorar que os “catecismos do cidadão” pregam o amor pela pátria para servir o conjunto dos interesses e dos privilégios da classe dirigente, e que eles procuram manter, em proveito dessa classe, o ódio, de fronteira a fronteira, entre os fracos e os deserdados. Sob a palavra patriotismo e sob os comentários modernos com que a cercam, disfarçam as velhas práticas de obediência servil à vontade de um chefe, a completa abdicação do indivíduo diante das pessoas que detêm o poder e querem servir-se de toda a nação como de uma força cega. [...] Nossa paz futura não deve nascer da dominação incontestável de uns, e da escravização sem esperança dos outros, mas da boa e franca igualdade entre companheiros. (RECLUS, 2002, p. 64 – 65)

- 52 No que consiste efetivamente a geografia anarquista de Reclus é o que ele denomina de geografia social, conceituação por ele defendida em *L'Homme et la Terre*. Apesar de ter sido criticado por Vidal de La Blache em adensar os estudos geográficos com o caráter social, político e histórico, Reclus estava indo além de seu tempo, lançando para o futuro a geografia de base crítica radical. Abordou a noção de reprodução do espaço como produto da luta de classe, a necessidade de organização espacial pelo equilíbrio econômico, e os lugares como sendo formas livres das ações autônomas do indivíduo.

A “luta de classes”, a procura do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fato que nos revela o estudo da *geografia social* e que, no caos das coisas, se mostram bastante constantes para que se possa dar-lhes o nome de “leis”. Já é muito conhecê-las e poder dirigir, segundo elas, sua própria conduta e sua parte de ação na gerência comum da sociedade, em harmonia com as influências do meio, conhecidas e analisadas a seguir. É a observação da Terra que nos explica os acontecimentos da História, e estas nos leva, por sua vez, a um estudo mais aprofundado do planeta, a uma solidariedade mais consciente de nosso indivíduo, ao mesmo tempo tão pequeno e tão grande, como o imenso universo. (RECLUS, 2010b, p. 49 - 50)

- 53 Unindo geografia com história, em que compreende essas disciplinas como campos dialeticamente integrados e complementares na compreensão das questões espaço-temporais e sócio-políticas, tema posteriormente efetivado por Milton Santos (1978). Reclus (1905, t. 1, p. 4), trouxe à tona a dinâmica do tempo-espaço, da sociedade-natureza, da economia-política-cultura para a geografia, através da geograficidade como uma experiência, modo de ser do geográfico e prática espacial engajada dissidente. “Vue de haut, dans ses rapports avec l'Homme, la Géographie n'est autre chose que l'Histoire dans l'espace, de même que l'Histoire est la Géographie dans le temps. [...] Ne peut-on dire également que l'Homme est la Nature prenant conscience d'elle-même?”.
- 54 Dando margem ao projeto de geografia social ácrata, a obra *O Homem e a Terra* deposita na figura de Reclus o protagonismo do pensamento crítico-social da geografia, que ao mesmo tempo não fragmenta o saber pela oposição entre geografia física e humana, não dualizando o pensamento em espaço-temporal. No conjunto natureza e sociedade, espaço e tempo, forma-se um discurso abrangente da geografia, que tem a epistemologia anarquista como sustentação teórica da geograficidade libertária.
- 55 Anteriormente a esta obra conclusiva, *La Terre* enquadra-se na perspectiva ambiental da geografia libertária reclusiana, enquanto que *Nouvelle Géographie Universelle* pode ser entendida como o projeto libertário de geografia política. Por sua vez, *L'Homme et la Terre* é a conclusão do projeto libertário de geografia social.

- 56 O signo libertário permaneceu presente na gigantesca *Nouvelle Géographie Universelle*. Reclus (1876, p. 1) inicia *La Terre et les Hommes*, logo em sua primeira página, argumentando sobre a fragilidade cósmica do planeta frente a imensidão do universo, mas destacando que, justamente por ser um minúsculo ponto ela torna-se tão importante para os humanos, por isso, estes devem saber qualitativamente pensar e ocupar esse espaço de vida. “La Terre n’est qu’un point dans l’espace, une molécule astrale; mais pour les hommes qui la peuplent, cette molécule est encore sans limites, comme aux temps de nos ancêtres barbares”.
- 57 Frente essa grandiosa estrutura que possibilita a vida, o homem e a mulher encontram inúmeros obstáculos para superar e garantir sua sobrevivência. Mesmo com os avanços nas redes técnicas não se conhece todo o espaço da vida, além de as sociedades não reconhecerem o sentimento de unidade cósmica entre cada grupo e região do planeta. Os seres vivos, não estando totalmente integrados, em que, “nombre de peuples ayant des villes, des lois, des moeurs relativement policées, vivent isolés et inconnus comme s’ils avaient pour demeure une autre planète” (RECLUS, 1876, p. 2). Essa visão compartimentada da Terra pela sociedade resulta nas atrocidades e no descaso com o equilíbrio espacial, onde “la guerre et ses horreurs, les pratiques de l’esclavage, le fanatisme religieux et jusqu’à la concurrence commerciale veillent à leurs frontières et nous en barrent l’entrée” (RECLUS, 1876, p. 2).
- 58 O autor evoca o fim das fronteiras e a inter-relação mútua entre os povos e regiões fora da esfera da exploração e domínio territorial. É nesse veio que a geografia deve penetrar, na visão reclusiana, com a possibilidade de produzir um saber solidário e internacionalista, que leve a ciência para a libertação das hostilidades geográficas e para a desmitificação da natureza. Dessa direção é que resultam os fundamentos de uma geograficidade política libertária.
- 59 Contrário aos nacionalismos e territorialismos típicos da Europa imperialista, o geógrafo da anarquia refere-se negativamente ao pangermanismo, ocorrido principalmente após a invasão de parte de sua pátria natal, negando o ultranacionalismo e o organicismo da estreita relação entre povo-natureza-pátria, ou Estado, no caso alemão. Desse modo, segue a linha discursiva adotada por Bakunin (2009), em *Estatismo e Anarquia*, que nega o imperialismo germânico e o estatismo autoritário nele embutido. Por sua vez, esta obra clássica do anarquismo foi compilada e organizada pelo geógrafo libertário francês. Reclus (1878, p. 949) salienta que esta era de anexação alemã está sendo ameaçada, anunciando outra nação que viria tomar frente nesse processo geopolítico de domínios territoriais.
- Les grands corps politiques croissent et dépérissent comme les individus; or celui qui occupe le centre de l’Europe est maintenant dans sa période de progrès et tout semble annoncer que longtemps encore il gardera la force d’impulsion qui l’anime [...]. L’ère des annexions ne paraît pas être close, et des millions d’hommes, surtout vers le sud, dans la direction du Danube et de la mer Adriatique, se demandent s’ils auront bientôt à changer de maître, à grossir la foule des sujets dans le nouvel empire. Ainsi s’accroîtra le rôle de l’Allemagne dans le monde politique, jusqu’à ce que le sceptre passe à un autre État, peut-être à la “saint Russie”, centre d’un cercle de contrées et de peuples plus étendu, qui comprend à la fois une grand partie de l’Europe et du continent d’Asie.
- 60 As relações sociais transcendem os limites formais impostos, e os elementos naturais são mais coerentes como princípios de estabelecimento dos limites e das fronteiras do que as formalidades impostas à sociedade, segundo as palavras do geógrafo libertário.

Si ces diverses circonscriptions s'étaient formées spontanément, par le vœu des populations se groupant à leur gré, elles auraient souvent changé de forme et de grandeur par l'effet de l'initiative locale; mais, simples créations du pouvoir central, elles ne servent qu'à le fortifier, en plaçant dans tout chef-lieu de département, d'arrondissement, de canton, de commune, un représentant direct du gouvernement. (RECLUS, 1877, p. 926)

61 Já no caso de *L'Homme et la Terre*, pode ser destacado a defesa de Élisée ao confederalismo de base anarquista frente ao processo globalizador do capital. Esse internacionalismo do capital se configura na contramão do confederalismo internacionalista dos trabalhadores, pois ele apoia-se, justamente, na possibilidade de abrir caminho e entrar nos territórios, integrar e controlar essas terras, segregando pessoas, para depois ser cotado como protetores desses povos violentados. Tudo isso é justificado pela tutela do direito constitucional, naturalizado pelas conferências formais e pelas instituições supranacionais.

62 Na página 70, do capítulo *Internacionais*, é dito: o mundo oficial, portanto, ampliara-se singularmente desde o tratado de Westfália, mesmo depois do congresso de Viena! Além disso, a linguagem dos diplomatas havia mudado. O interesse é conquistar para depois tornar essas regiões distantes parte da divisão territorial, convertendo-as em dependências do capital imperial monopolista.

Por outro lado, elas [as potências] sabiam que conquistas feitas em países distantes sobre povos reputados bárbaros ou selvagens ser-lhe-iam perfeitamente perdoadas, atribuídas, inclusive, mérito e glória. Foi, portanto, com o encorajamento tácito de seus povos que os governos da Europa puseram-se a despedaçar a África, a Ásia e a Oceania, para distribuir entre eles os pedaços e construir seu império colonial. No começo do século XX, as potências quase concluíram a partilha da África [...]. Atualmente, o continente africano pode ser considerado como sendo apenas uma simples dependência política econômica da Europa. (RECLUS, 2011, p. 70 – 71)

63 Apesar de todo o contexto, Reclus (2011, p. 97) se mostrou otimista diante do futuro, crendo na possibilidade de ainda se concretizar o projeto de federalismo fraterno internacional. “Entretanto, acima dessas nações e daquelas que as governam, já aparece, e cada vez mais claro, uma imagem maior, aquela do gênero humano constituindo-se em organismo unitário.” Mas o autor reconhece a tarefa difícil, pois sabe da nova fase do capital, internacionalista, ou global, onipotente e financeiro, em que o mercado poderoso, mais do que o Estado, é seu principal aliado, e nesse processo, o trabalhador está ainda mais controlado.

Em cada país, o Capital busca controlar os trabalhadores, igualmente sobre o grande mercado do mundo; o Capital, aumentado desmedidamente, indiferente a todas as antigas fronteiras, tenta fazer trabalhar em seu benefício a massa dos produtores e garantir para si todos os consumidores do globo, selvagens e bárbaros tanto quanto civilizados. [...] Atualmente, a onipotência do Capital e seu caráter internacional são fenômenos tão bem estabelecidos que se fala simplesmente como de um fato consumado, da substituição próxima dos governos pelos bancos, pela gerência da administração bem como das empresas da paz e da guerra. (RECLUS, 2011, p. 101)

64 Finalizando a reflexão do capítulo, Reclus (2011) aborda a profunda contradição entre os interesses do capital e do trabalho no intuito de demonstrar que o projeto fraternalista internacional dos trabalhadores somente será possível quanto este negar o sentido profundo e a necessidade de existência do capital, reestabelecendo as antigas, genuínas e equitativas relações de mutualidade entre todos os seres e o espaço geográfico, de uma forma renovada e atual, somente quando verdadeiramente a

existência for conduzida pela perspectiva da geograficidade libertária no contexto da espacialidade autogestionária, da experiência e da prática espacial harmoniosa.

É que a contradição econômica é absoluta entre o Capital e o Trabalho. Enquanto o primeiro tem por tendência natural reduzir à escravidão todos aqueles que penam a seu serviço, o segundo só pode periclitir, aviltar-se, afundar na vil rotina se ele não é livre, espontâneo, alegre, criador de força pessoal e iniciativa. A conciliação desses dois contrários, quadratura do círculo buscada por boas almas, é impossível, todavia, a cada nova luta, o resultado dá lugar a composições temporárias que, se há progresso, aproximam-se gradualmente da justiça, comportando a livre participação de todos os homens no trabalho, em seus produtos e nas maravilhas que ele descobre. (RECLUS, 2011, p. 102 – 103)

- 65 Ao buscar a elaboração do anarquismo, que vincula a relação livre entre comunidade e recursos naturais, Reclus promove uma nova forma de pensar o anarquismo, pela via da geografia, pois dá um caráter dinâmico à atuação das sociedades na produção do espaço. O anarquismo somente como fonte das lutas históricas da sociedade, presente em Bakunin, será enriquecido pela via geográfica de Reclus, Metchnikoff e de Kropotkin. A terra é palco das lutas sociais, e é o produto de transformação das sociedades, no devir libertário comunitarista. O anarquismo é geográfico na medida em que pensa a transformação social e individual através da organização dos entes no espaço. O substrato, o alimento que nutre a busca do acratismo, reside na natureza e no espaço produzido pela ação autônoma dos indivíduos.
- 66 Se “as práticas sociais se tornaram mais ou menos confusamente multiescalares” (LACOSTE, 1988, p. 49), isso explica que uma sociedade anarquista reside sobre o substrato espacial multiescalar organizado libertariamente. O “saber pensar o espaço para saber nele se organizar, para saber ali combater” (LACOSTE, 1988, p. 189) tem em Reclus sua fonte cristalina da geografia anarquista e do anarquismo geográfico, efervescendo vividamente como a erupção vulcânica.
- 67 A gênese da geografia crítica, que direciona caminhos de autonomia e de organização equitativa do espaço, está nas concepções reclusianas. Portanto, toda a geografia de Reclus, dos seus relatos de viagens de meados do século XIX até a geografia anarquista do início do século XX, é libertária. As riquezas escalar, analítica, holista, política e literária formam a plurivocalidade geográfica reclusiana. Indicam, assim, o libertarismo no pensamento geográfico. Toda a geografia que contesta, denuncia e busca a alteração da organização desigual do espaço é em essência libertária. Por sua vez, Reclus foi o precursor desse estilo de fazer geografia, negando seu tempo e sua forma de fazer ciência. Incumbiu o caráter político, social, ambiental, educacional e subjetivo numa geografia que era orgânica e mecanicista, eurocêntrica e canônica, atrelada ao imperialismo e ao colonialismo.
- 68 A *excentricidade* de se fazer geografia em meio ao auge da ciência moderna a serviço dos Estados imperiais demonstra a potência sísmica do pensamento reclusiano, explicando parte dos motivos da negligência desta geografia. Mas como um movimento sísmico que denota forte embate entre as placas tectônicas, reproduzindo cataclismos, criativamente recriando novas superfícies através de erupções vulcânicas, a geografia libertária reclusiana reaparece no século XXI, por outras vozes científicas, como a antropologia, a história, a etnografia, a sociologia, o urbanismo, o ambientalismo etc.
- 69 De uma geografia libertária, oriunda das conjecturas reclusianas, percorrendo de forma subterrânea todo o século XX, chega-se no início do século XXI ao libertarismo geográfico, tema ainda pouco vivificado pelos geógrafos. As novas lutas políticas, as

minorias, as excentricidades teóricas, as micropolíticas, os *territórios autônomos* de Hakim Bey (2014), os novos movimentos sociais, o feminismo, a luta pela identidade étnico-racial, as questões de gênero etc. são modalidades de engajamento político dissidente que, em grande parcela, mergulham nas sustentações dos aspectos geográficos.

- 70 Tomás Ibáñez (2014), denomina essas modalidades de anarquia, de anarquismo, de práticas libertárias, ou neo-anarquistas e pós-anarquistas da atualidade como o *anarquismo extramuros*. Nele colocam-se o espaço, o lugar, a escala, o território e a região, ou seja, o geográfico, como tema central de suas agendas políticas libertárias, e os próprios geógrafos resistem em reconhecer a fecundidade desse campo de abertura transdisciplinar de atuação e renovação das práticas espaciais. A geografia coloca-se a serviço das liberdades, e os libertarismos multifacetados, mas não menos radicais, colocam-se a serviço da transformação do território.

Conclusão

- 71 Recorrer de forma atenta à monumental obra de Reclus, sob o prisma de abordar fontes da nova geografia, é tarefa indispensável para trazer à tona diversidade temática que as outras ciências sociais já estão realizando. Pensar o espaço pela noção libertária é abrir campo para um indelével movimento de emancipação dos indivíduos, possível pela multiplicidade política da contemporaneidade, contrabalançada pela plurivocalidade dos sujeitos autônomos no espaço.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. C. de. *Élisée Reclus*. São Paulo: Ática, 1985.
- BACHELARD, G. *A epistemologia*. Lisboa: 70, 2006.
- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAKUNIN, M. *Estatismo e anarquia*. São Paulo: Imaginário, 2009.
- BEY, H. *Zonas Autônomas*. Porto Alegre: Deriva, 2014.
- CLAVAL, P. *Evolución de la geografía humana*. Barcelona: Oiko-Tao, 1974.
- CLAVAL, P. *História da Geografia*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CREAGH, R. *Élisée Reclus e a geografia das liberdades*. São Paulo: Imaginário, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: 34, 1996.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

FERRETTI, F., PELLETIER, P. “Indígenas do universo”: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff.

Revista Território Autônomo, nº 2, Outono de 2013, p. 5 - 16.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 8ª ed. São Paulo: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GEDDES, P. **Cidades em evolução**. Campinas: Papirus, 1994.

GIBLIN, B. Élisée Reclus: un géographe d'exception. **Hérodote**. nº. 117, 2º trimestre. Paris: La Découverte, 2005, p. 11 - 28.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HARTSHORNE, R. El concepto de geografía como ciencia del espacio: de Kant y Humboldt a Hettner. **Documents d'Análisi Geogràfica**. Buenos Aires. 18. 1991, p. 31 - 54.

HUMBOLDT, A. de. **Cosmos**: Essai d'une description physique du monde. Tome Premier. Paris: Gide et J. Baudry, 1855.

IBÁÑEZ, T. **Anarquismo es movimiento**. Anarquismo, neoanarquismo y postanarquismo. Bilbao: Imprenta Luna, 2014.

KROPOTKIN, P. **Champs, usines et ateliers**. Ou l'industrie combinée avec l'agriculture, et le travail cerebral avec le travail manuel. Paris: STOCK, 1910.

KROPOTKIN, P. **La conquête du pain**. Paris: Tresse et Stock, 1892.

KROPOTKIN, P. **Lo que debe ser la geografía**. Barcelona: Oikos-Tau, 1989.

KUHN, T. S. **La estructura de las revoluciones científicas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

LACOSTE, Y. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicit  et une bienveillante g opolitique. **H rodote**. n . 117, 2  trimestre. Paris: La Découverte, 2005, p. 29 - 52.

MARCOS, Subcomandante Insurgente (EZLN). **Nem o centro e nem a periferia**. Sobre cores, calendários e geografias. Porto Alegre: Deriva, 2008.

METCHNIKOFF, L. **La civilisation et les grands fleuves historiques**. Paris: Hachette, 1889.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2009.

ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**. As sabedorias antigas. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PAULA, A. E. H. Anarquia na I Internacional: as presenças de Élisée Reclus e Charles Perron. **Élisée**. Revista de Geografia da UEG. Anápolis, v. 4, n  1, jan./jun. 2015, p. 20 - 35.

RATZEL, F. Le sol, la société et l' tat. **Revue L'Anne Sociologique**. Québec: Université Laval de Québec, 2003, p. 1 - 16.

RECLUS,  . **A evolu o, a revolu o e o ideal anarquista**. S o Paulo: Imaginário, 2002.

RECLUS,  . **Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes**. Paris: Hachette, 1866.

RECLUS, É. **L'homme et la terre**. Les primitifs – Histoire ancienne. Tome premier. Paris: Librairie Universelle, 1905.

RECLUS, É. **La Terre**: description des phénomènes de la vie du globe. Vol. II. L'Océan – L'Atmosphère – La Vie. Paris: Hachette, 1869.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 1. L'Europe meridionale. Paris: Hachette, 1876.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 3. L'Europe Centrale. Paris: Hachette, 1878.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 2. La France. Paris: Hachette, 1877.

RECLUS, É. **O homem e a Terra**. A cultura e a propriedade. São Paulo: Imaginário, 2010a.

RECLUS, É. **O homem e a terra**. Internacionais. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2011.

RECLUS, E. Prefácio de O homem e a Terra (Tomo I). In.: RECLUS, E. **Da ação humana na geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo**. São Paulo: Imaginário, 2010b.

RITTER, K. **Géographie générale comparée, ou étude de la Terre**. Dans ses rapports avec la nature et avec l'histoire de l'homme. Bruxelles: Société Tupographique Belge, 1838.

RONCO, D. **Bibliografia di Élisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Bibliothèque Nationale de France: Gálica.bnf.fr

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SCHAEFER, F. K. Exceptionalism in geography: A Methodological Examination. **Annals of the Association of American Geographers**, Vol. 43, No. 3. 1953, p. 226-249.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

TRISTAN, F. **Le tour de France**: état actuel de la classe ouvrière sous l'aspect moral, intellectuel, matériel (1843 – 1844). Paris: Éditions Tête de Feuilles, 1973.

TRISTAN, F. **Pérégrinations d'une paria (1833 – 1834)**. 2 tomes. Paris: Arthus Bertrands, 1838.

TRISTAN, F. **Promenades dans Londres**. Paris: H.-L. Delloye, 1840.

VITTE, A. C. (Org.) **Kant, kantismo e a geografia**. Histórias, percalços e possibilidades investigativas. Curitiba: Appris, 2014.

VITTE, L. C. A terceira crítica kantiana e sua influência no moderno conceito de geografia física. **GEOSP - Espaço e Tempo**. nº 19. São Paulo: USP, 2006, p. 33 – 52.

VITTE, L. C. As influências da filosofia natural e da naturphilosophie na contribuição do darwinismo: elementos para uma filosofia da geografia física moderna. **Boletim Goiano de Geografia**. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA). V. 29, n. 1, jan./jun. Goiânia: UFG, 2009, p. 13 – 32.

VITTE, L. C. Influências da filosofia kantiana na gênese da geografia física. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 07, número 14. Fortaleza: UFC, 2008. p. 57 – 66.

NOTAS

1.

Será considerado momento inaugural de produção intelectual de Reclus o ano de 1857, tomando como base a atualização realizada por Daniele Ronco (2010), a partir do escrito *Considérations sur quelques faits de géologie et d'ethnographie: histoire du sol de l'Europe*, publicado na *Revue Philosophique*, de Nova Orleans. Existem outras bibliografias que apontam já em 1853 e 1854 uma primeira publicação, também em Nova Orleans, período de exílio de Reclus nos Estados Unidos, além de um primeiro escrito sobre o anarquismo intitulado de *O desenvolvimento da liberdade no mundo*, de 1851, mas somente publicado postumamente. Vale ressaltar que a primeira grande obra geográfica de Reclus, *La Terre: description des phénomènes de la vie du globe* foi publicada em 1868, o primeiro volume, e 1869 o segundo, muito embora o relato de viagem *Voyage à la Sierra-Nevada de Saint-Marthe: paysages de la nature tropicale* data de 1861, considerado pela crítica como um escrito geográfico de cunho literário, mostrando assim a plurivocalidade reclusiana. A última grande obra escrita por Élisée, mas publicada postumamente por seu sobrinho, Paul Reclus, foi *L'homme et la Terre*, em 1905, concluindo seu projeto de escrita geográfica.

RESUMOS

Élisée Reclus (1830-1905) contradiz a centralidade racionalista de sua época, situando toda sua obra entre a composição de um novo paradigma na geografia e o posicionamento excêntrico, dotado de criticismo libertário, contrário à geografia racionalista. A geografia universitária que o sucedeu, negligenciou a sua contribuição, taxando-a de descritiva e órfã de objeto. Por sua vez, sua obra foi escamoteada e subsumida também pela geografia crítica radical, de base marxista, mesmo sabendo que ele foi o criador da geografia crítica social. Reclus criou um novo paradigma na geografia, a geografia anarquista, e também uma nova vertente do anarquismo, o anarquismo geográfico. Como aporte teórico para o entendimento da excentricidade da geografia anarquista de Reclus é de suma importância recorrer à revisão crítica de suas três grandes obras: *La Terre*, *Nouvelle Géographie Universelle* e *L'Homme et la Terre*. Essas obras compõem um apurado projeto de geografia socioambiental libertária constituído pelo geógrafo francês ácrata. O libertarismo geográfico, nascido de sua militância e de seu cientificismo, hoje extrapola a ciência geográfica em si e chega a outros ramos do saber, diante da necessidade de afirmação das diferenças e da transformação do *status quo* pela via da ação direta no espaço.

Élisée Reclus (1830-1905) contradicts the rationalist centrality of his day, placing all his work between the composition of a new paradigm in geography and the eccentric positioning, endowed with libertarian criticism, contrary to rationalist geography. The university geography that succeeded him, neglected their contribution, taxing it descriptive and orphan object. In turn, his work was concealed and also subsumed by radical critical geography, Marxist base, even though he was the creator of critical social geography. Reclus created a new paradigm in geography, anarchist geography, and also a new current of anarchism, geographical anarchism. As a theoretical framework for understanding of the eccentricity of the anarchist geography of

Reclus is very important resort to critical review of his three major works: *La Terre Nouvelle*, *Géographie Universelle* and *L'Homme et la Terre*. These works form an accurate project of environmental geography libertarian made by the French geographer anarchist. The geographical libertarianism, born of his activism and his scientism today goes beyond the geographical science itself and reaches other branches of knowledge, on the need for affirmation of differences and the transformation of the *status quo* by means of direct action in space.

ÍNDICE

Keywords: Élisée Reclus, anarchist geography, geographical anarchism, eccentricity

Índice cronológico: 1830-1905

Palavras-chave: Élisée Reclus, geografia anarquista, anarquismo geográfico, excentricidade

AUTOR

JOSÉ VANDÉRIO CIRQUEIRA

Professor do Instituto Federal de Goiás - IFG